



A Chatinha, o barco típico do Acre e do Amazonas, espécie de monumento naval das antigas iniciativas dos pioneiros (Foto Scheier)

A senhora Odonais em águas do Amazonas

O pavor deixara-lhe os cabelos completamente brancos. Lisos, ainda sedosos e bonitos. Não era tão fácil chegar até sua cadeira de braços, naqueles tempos em que, entre os anos de 1770 e 80, os monarcas decidiam de seus subditos, encarregando-os de arriscadas missões por terras da América. Traumatizada, a senhora Godin de Odonais procurava tão somente repousar e esquecer, esquecer e repousar. E em não sendo possível chegar até ela, contentemo-nos de a contemplar respeitosamente. Pouco adiante, sobre pequena e elegante mesa, estranhos objetos parecem evocar algo distante no silêncio da grande sala. A senhora Godin volta o olhar sobre eles e estremece. Foram suas próprias mãos que num mal-fadado dia de assim distantes anos, recortou-as dos pés dos irmãos já cadáveres. Toda vez que encara os pedaços de couro, sua imaginação reconstitui os pés dos dois entes queridos e sóbe ainda por seus corpos inanimados. Mais ao lado, uma saia de grosso algodão lembra-lhe a expressão bondosa duma índia. Não é a senhora Godin quem faz este relato. Não lho permitem suas gastas forças. Nem é conveniente reacender a chama das recordações, quando são tristes, quando nelas há desventura. Então aconteceu-me ouvir-lhe a voz intermitente e nervosa. Não que eu lhe perguntasse. Não que ela respondesse. Mas, à imaginação ocorreu que falasse e que interessadamente permanecesse eu por muito tempo atendendo-a a fim de conhecê-la a história e a história dos estranhos objetos. Assim principiou: no dia primeiro de outubro de 1769 parti de Riobamba com meus trinta e um índios e minhas bagagens. Havia vinte anos deixara o lar e não avista-

va meu marido, navegante e homem de negócios, e que então me aguardava em Oyapok, na América. Em breve chegávamos a Canelos, no pequeno Bobouasa, bem perto do Amazonas, um rio que já naqueles tempos povoava a imaginação das gentes. Canelos, porém, estava transformada numa vila deserta. A variola afugentara aos que haviam conseguido escapar. E, aí de mim, experimentei chamar meus índios e não mais pude vê-los. Estávamos a meio caminho do porto onde uma nave, posta a meu serviço por dois soberanos, nos aguardava. Depois de muito procurar encontramos dois dos habitantes que já se preparavam para homisiar-se nos bosques e que por fim se dispuseram a construir um pequeno barco. Reiniciamos assim a viagem em direção de Andoas, descendo o Bobouasa, a cerca de cento e cinquenta leguas. Dois dias depois fizemos parada. Mas, também estes índios desapareceram. Partimos vogando quase que sem rumo certo, até que descobrimos uma habitação nas margens, onde encontramos um índio convalescente, que, apesar disso, resolveu tomar o timão.

Mas, desgraçado convalescente, sucedeu que o senhor R., fazendo parte da comitiva, deixou que seu chapéu voasse à água e devendo ser muito importante esta peça do seu vestuário, mandou que o índio o recolhesse e o pobre, sem suficientes forças para nadar, pereceu. Eis que a barca passa de novo a ser conduzida por gente sem pericia; logo enche-se de água. Desembarcamos, construindo em terra uma tosca habitação. Cinco dias distantes do primeiro destino, o senhor R., (o do chapéu), parte, com um outro francês e um meu fiel negro. Este

senhor R., porém, passa a cuidar mais dos seus interesses do que de outra coisa. Quinze dias seriam suficientes para enviar-nos um barco e alguns índios.

Esgotam-se vinte e cinco, não nos restava que confiar em nossas próprias forças. Construímos uma espécie de jangada, a qual, mal dirigida, indo de encontro a um tronco, submergiu e tudo se perdeu. Fui salva por meus dois irmãos. A pé retomamos o árduo caminho, seguindo pela margem e depois, embrenhando-nos no bosque, onde nos perdemos entre ervas, liames, cipós, arbustos e o medo. Feridos pelos espinhos, desprovidos de víveres, perseguidos pela sede, passamos a alimentar-nos de grãos, raízes, frutos selvagens... Mas, vencidos pela fome, pela sede, pelo cansaço, experimentamos sentar-nos e não mais conseguimos sair dali. E três ou quatro dias passados assisti à morte, um depois do outro, dos meus irmãos, um sobrinho e mais quatro dos meus acompanhantes.

Deitada entre os cadáveres, passei cerca de dois dias desacordada. Ao sentir algum ânimo depois de tão prolongado descanso, vi-me descalça e semi-nua: uma camisa e duas mantas restavam. Cortei os sapatos de meus irmãos, amarrando a meus pés as solas aproveitáveis. Mas por fim, atingi a pé Bobouasa. A memória do local, o terrível espetáculo de que havia sido testemunha, o horror à solidão e à noite do deserto, o espasmo da morte sempre presente aos meus olhos, impressão que a cada momento deveria redobrar-se, tornaram brancos os meus cabelos. No segundo dia da marcha, que não poderia ter sido muita, descobri água e ovos de cor verde, que não reconheci. Não saberia dizer do que fossem".



Debret, Paisagem brasileira (Museu de Arte). Estes são os índios, com os quais a senhora Odonais teve que se familiarizar.

Eis que a esta altura posso confessar que tudo extraí dum relato verdadeiro e me reconcilio com seu autor, o próprio espôso da infeliz senhora Godin, o qual me dá alguma ajuda, dizendo: "Se lerdos num romance, que uma delicada senhora, acostumada a gozar de tôdas as comodidades da vida, precipitada num rio e salva meio afogada, tivesse penetrado um bosque em companhia de sete pessoas, sem estrada que a guiasse e depois de passar muitas semanas, se tivesse perdido, tivesse sofrido fome, sede, fadiga até o extremo, tivesse visto espirarem seus dois irmãos mais robustos que ela mesma, um sobrinho apenas saído da infância, três donzelas suas domesticas, ainda outro jovem; que ela houvesse sobrevivido a esta catástrofe; que permanecendo sôzinha dois dias e duas noites em meio a êstes cadáveres, em locais onde abundam tigres e muito perigosas serpentes, sem haver encontrado nunca um só dêstes animais, esta senhora tivesse mesmo assim sobrevivido, pondo-se a caminho de novo, coberta de andrajos, errante num bosque até o oitavo dia em que se encontrou em Bobouasa; acusariéis o autor do romance de faltar à verdade..."

E volta a ecoar no grande salão a voz cansada e triste da senhora Godin:

Ao despontar do dia, ouvi rumor de gente. Dois índios procuravam meter uma barca na água. E foram minha salvação. Tão reconhecida senti-me, que, ainda mal dando acordo do que diziam e do que me sucedia, ao levar as mãos ao colo senti o peso de duas correntes de ouro. Entreguei-as prontamente aos meus benfeitores, mas um jesuíta substitui a dádiva por três ou quatro meadas de grosso algodão. Tão irritada fiquei, que parti no dia imediato para Laguna. Uma índia, de Andoas fez-me uma saia de algodão, que mandei pagar logo que cheguei a Laguna. Meu fiel negro, que partira em companhia do senhor R., ao fazer o mesmo trajeto, encontrou os corpos já cor-

roidos da comitiva e conseguiu alcançar Andoas primeiro, levando tudo quanto pudera recolher, certo da morte de todos, perdendo-se depois das minhas vistas. Finalmente tive depois fácil acolhida e tratei da saúde antes de prosseguir viagem. Daqui por diante, concedamos a palavra diretamente ao senhor Godin de Odonais, o qual, atendendo a um apêlo do senhor Deperthes, escreveu-lhe longo relato e carta que este inclui na sua obra "*História de naufrágios*", ou, "*Coletânea dos mais interessantes relatórios de naufrágios, desde o século XV ao presente (1822)*".

"O governador do Pará havia dado suas ordens, a fim de que todos os locais habitados à margem do trajeto, fossem providos. Eu me esquecia de vos dizer que minha senhora não se curára de todo e que tinha o polegar de uma das mãos em péssimo estado: os espinhos nêle permaneciam, formando um depósito de tumores; o tendão e também o ôsso haviam sido atingidos e falava-se em cortar-lhe o dedo. Porém, graças a cuidadosa cura e a sua coragem de suportar as dores sentidas quando lhe arrancaram alguns espinhos da chaga, ela melhorou; melhorou, mas desde então não pôde mais mexer o dedo. A galera prosseguiu sua rota até Curapa, que vos sabeis estar situada a bem sessenta léguas além do Pará; ali chegou também o senhor De Martel, cavalheiro da Ordem do Conselho, major da guarnição do Pará e por ordem do governador, assumindo o comando da galera, conduziu minha senhora ao forte de Oyapok. Mal saindo do rio a galera na embocadura de Carara Pouri, onde as correntes da costa são violentíssimas, perdeu uma âncora e porque teria sido perigoso prosseguir com uma só, o sr. Martel mandou um barco a Oyapok pedir socorro. Tendo eu recebido notícias, saí do pôrto de Oyapok com uma das minhas galeras e cruzei cerca da praia para encontrar a nave que a conduzia. Quiz finalmente Deus que a encontrasse no

quarto dia, frente a Massacaré e depois de vinte anos de temores, de angustias e de calamidades que a ambos nos atingiram, abracei minha mulher dileta que eu já não esperava revêr. Esqueci nos seus braços a perda dos meus filhos e no presente tempera grandemente minha dor o pensar que prematura morte preservou-os da funestíssima sorte que os aguardava nos bosques de Canelos, onde, se tivessem sucumbido, talvez também sua mãe, vencida pela dor, teria sôbre seus corpos espirado".

Continuemos? "Além de tôdas estas desgraças que vos narrei, tive uma questão..." Não, leitor. Fiquemos na primeira sôma das desgraças...

Contenta-te de imaginar apenas que finalmente no lar onde não puderam chegar seus filhos, após vinte anos, uma senhora de trato delicado, sentada numa velha mas acolhedora cadeira dos tempos dos soberanos, dos índios prestimosos e dos negros fiéis, contempla pensativa, os olhos ainda não refeitos, um par de solas, última recordação dos irmãos e uma saia de grosso algodão, símbolo da bondade que ainda pôde encontrar em meio a tanta maldade e imprevistos. "Minha espôsa, diz o narrador, tem sempre diante dos olhos o pavoroso quadro das suas desgraças e vãs resultam tôdas as tentativas para distraí-la."

E passada a aventura pela imaginação do leitor, após dois séculos, relatados tão simplesmente os fatos, desta feita entocaiada e humilde a imaginação, eu te convido, leitor — a não ser que não creias no senhor Godin de Odonais, tão desventurado, nem no historiador Deperthes, — a convir comigo que a própria realidade disputa ao ficcionista o dom da inventiva. Pois nem vale a pena, diante desta narrativa verdadeira, dar azas à imaginação e prosseguir, inventando um romance daquela cadeira antiga, daquela senhora de cabelos brancos, das velhas solas recortadas, da pesada saia de algodão...

TITO BATINI